

A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE EXPRESSÕES DE CORTESIA EM SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

Ana Carolina Aparecida Marques Soarez

Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araraquara

Resumo: Na área de Linguística Aplicada e na linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas, é recorrente a afirmação que língua e cultura são indissociáveis. A proposta deste artigo é a reflexão sobre as implicações dessa afirmação em relação ao ensino de língua espanhola para estudantes brasileiros. Desse modo, será analisado um livro didático adotado pela rede pública do Estado de São Paulo observando como são trabalhados os conteúdos culturais presentes em situações comunicativas do cotidiano, tais como as expressões de cortesia e a maneira de se cumprimentar. Com o objetivo de refletir sobre a relação entre língua e cultura nessas situações comunicativas utilizaremos os conceitos de educação intercultural (FLEURI, 2001), competência cultural e falante intercultural (BYRAM, 2002). Entendemos a importância de os aprendizes se comunicarem em um nível que ultrapasse normas gramaticais, o que evitaria desentendimentos na comunicação, pois seriam culturalmente competentes e capazes de refletir sobre a sua própria língua/cultura e sobre a língua/cultura do outro.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem de línguas; Língua Espanhola; Comunicação e Cultura; Falantes interculturais

Resumen: En el área de Linguística Aplicada y en la línea de investigación de enseñanza y aprendizaje de lenguas suele ser común la afirmación que lengua y cultura son algo indisolubles. La propuesta de este artículo es la reflexión sobre las implicaciones de esta afirmación sobre la enseñanza de lengua española a estudiantes brasileños. De ese modo será analizado un manual didáctico adoptado en escuelas de la red pública en São Paulo, poniendo atención en cómo son trabajados los contenidos culturales presentes en las situaciones comunicativas del cotidiano tales como las expresiones de cortesía y el distinto uso de los saludos. Con el objetivo de reflexionar sobre la relación entre lengua y cultura en esas situaciones comunicativas utilizaremos los conceptos de educación intercultural (FLEURI, 2001), competencia cultural y hablante intercultural (BYRAM, 2002). Entendemos la importancia de que los aprendices se comuniquen para allá de las normas gramaticales eso evitaría los malentendidos en la comunicación pues serían culturalmente competentes y capaces de reflexionar sobre su propia lengua/cultura y sobre la lengua/cultura del otro.

Palabras-clave: Enseñanza y aprendizaje; Lengua Española; Comunicación y Cultura; Hablantes interculturales

Introdução

Em uma reflexão sobre o lugar da cultura no ensino de língua estrangeira, Almeida Filho (2002) aponta duas posições possíveis: a que concebe que a aprendizagem da língua viria em primeiro lugar e, paulatinamente, incorporar-se-iam elementos culturais, ou a aprendizagem do cultural, e posteriormente, a partir dessa base, se absorveria a língua-meta. Segundo o autor, ambas as posições levam a uma visão radical sobre o lugar da cultura no desenvolvimento da competência comunicativa nos aprendizes.

Se por um lado, a cultura é o centro da vivência social e a língua o que vem depois dela; por outro, a língua é o foco real e a cultura a rodeia. Para Almeida Filho, a adoção de uma ou outra posição provocaria distorções no processo de ensino da nova língua estrangeira, pois privilegiaria um aspecto em detrimento do outro.

Segundo Águeda Alba Méndez (2000), estudiosa de Espanhol como língua estrangeira (doravante E/LE), língua e cultura são elementos que devem estar unidos para que a competência comunicativa do aprendiz possa alcançar um nível satisfatório. Ela afirma que para nos comunicarmos em uma língua estrangeira é indispensável conhecer a cultura do país falante dessa língua. Assim, tanto Almeida Filho (2002) quanto Méndez (2000) confirmam que o lugar da cultura é o mesmo que o da língua, e que não devem ser abordados de maneira apartada nos livros didáticos de língua estrangeira, seja de espanhol ou de qualquer outro idioma.

Um argumento utilizado por Méndez (2000), em relação à importância dos elementos culturais, diz respeito à motivação do aprendiz de uma língua estrangeira. Ela afirma que é necessário que se sinta integrado a essa língua, e a única forma de conseguir isso é conhecendo a realidade em que se produzem essas estruturas linguísticas, ou seja, o contexto determinado no qual são produzidos (MÉNDEZ, p. 139).

Em relação às situações comunicativas, é imprescindível que o aprendiz de uma Língua Estrangeira (LE) saiba lidar com os aspectos linguísticos, mas também com os culturais quando se comunica com aquele que tem a língua do aprendizado como

materna, a fim de evitar mal entendidos e confusões desagradáveis para ambas as partes, uma vez que o aprendiz pode ficar desestimulado em aprender essa LE, e o falante nativo pode não desejar comunicar-se com o estrangeiro que não o compreende. Nesse sentido, Méndez (2000) estabelece outra ligação, ou seja, aquela que envolve o intercâmbio informações. Segundo a autora, e também de acordo com nossa posição, saber como atuar em uma situação comunicativa é imprescindível para que a troca de informações aconteça. Isso compreende conhecer a cultura, tradições, e ainda os comportamentos socialmente aceitos no país da língua meta.

Estamos empregando o termo cultura em sentido amplo, e sabemos que a tarefa de definir o que é cultura é deveras complexa. Optamos, neste trabalho, por retomar e discutir conceitos formulados por pesquisadores da área de E/LE em relação a esse termo. Nesse sentido, destaca-se o entendimento de Méndez (2000), a pesquisadora discute definições de cultura que falam sobre o modo de vida, os costumes, o desenvolvimento artístico e científico de um dado grupo social, mas acrescenta uma visão distinta desses conceitos, complementando-os, a nosso ver.

Segundo ela, as definições conhecidas de cultura englobam a história, a política, a economia, as tradições de um país, mas acrescenta:

[...] cultura no solo entendemos las diferentes formas de actuar, tradiciones o comportamientos, es decir, las diferencias que distinguen a un pueblo de los demás, sino también todas aquellas cosas que nos acercan a los diferentes pueblos, es decir, lo común que tenemos entre nosotros. (p.138)¹

Essa visão nos parece interessante, porque, de fato, quando pensamos em elementos culturais no ensino de línguas, temos a tendência de ver o que cada país possui de diferente de nós, e não o que apresentamos em comum.

Assim, as características que unem certo povo são consideradas um padrão cultural aceito por essa sociedade. Por esse motivo existem os chamados choques

¹ Tradução nossa: “(...) por cultura não só entendemos as diferentes formas de atuar, tradições ou comportamentos, quer dizer, as diferenças que distinguem um povo dos demais, mas também todas aquelas coisas que nos aproximam dos diferentes povos, ou seja, o comum que temos entre nós.” (p.138)

culturais, pois o que pode ser culturalmente aceito em um país, como algo que une os falantes daquele idioma e lhes confere uma identidade, pode não ser aceito em outros lugares que não compartilham os mesmos valores culturais.

Em um artigo intitulado “La subcompetencia sociocultural” — publicado no ano de 2008, em um livro de formação para professores de língua espanhola — López discute diferentes visões de cultura de base antropológica e etnográfica, e propõe uma metáfora para a compreensão desse conceito. A metáfora refere-se ao corte no tronco de uma árvore, seus diferentes anéis corresponderiam a um tipo de cultura (que em estudos anteriores eram distinguidos por cultura com “c” minúsculo/maiúsculo ou com K por outros autores). Desse modo, a autora propõe três tipos de cultura:

- a) **Cultura essencial:** estaria na parte central do tronco, onde passa a seiva e nutre a árvore. Seria a cultura diretamente ligada à língua, onde está o conhecimento que permite fazer uso efetivo e adequado da linguagem.
- b) **Cultura legitimada:** este tipo de cultura está distante da cultura essencial, está sujeita a modificações. É a cultura “socialmente aceita”, não é patrimônio de todos, mas de uma minoria de classes privilegiadas economicamente.
- c) **Cultura epidérmica:** está bem distante da cultura essencial, refere-se a usos e costumes que se diferenciam da cultura padrão, aplica-se a contextos específicos.

Essa metáfora, em nosso entendimento, não é capaz de mostrar a dinâmica da cultura, das transformações e interações que acontecem a todo instante, uma vez que a figura escolhida é uma árvore e apresenta uma ideia de algo estático, fixo, não condizendo com nosso conceito sobre cultura.

Em outro artigo publicado no mesmo livro, a pesquisadora Carmen Guillén Días (p.838) reafirma sua concepção de integração do conceito de língua e cultura, dizendo: “Língua e cultura se apresentam a nós como um todo indissociável, porque a todo fato de língua subjaz um fato de cultura e porque todo fato de língua se estrutura em função

de uma dimensão cultural.”². A autora exemplifica isso a partir das formas de cumprimento e tratamento (*Hola, buenos días...Encantado*), das convenções no turno de fala, nas normas de cortesia (*Creo que, por favor, gracias*), etc.

Para sustentar este argumento, Guillén Díaz cita Lévi-Strauss demonstrando as relações entre língua, pensamento e cultura. Segundo Lévi-Strauss (1958, pp.78-79 *apud* GUILLÉN DÍAS, 2008, p.838):

- *A língua é produto da cultura*: segundo podemos verificar ante a criação contínua de neologismos. Seu uso reflete as características e traços gerais de cada sociedade, se adapta e evolui com ela.
- *A língua faz parte da cultura* ao lado de outros elementos como as instituições, as crenças, os costumes.
- *A língua é condição da cultura*, já que por meio das palavras podemos manifestar tudo o que concerne às artes, a literatura, os comportamentos, as normas, convenções, etc.

A partir do que foi exposto, percebemos, portanto, que realmente língua e cultura não podem ser desvinculados, pois isso seria prejudicial ao processo de ensino e aprendizagem. Com isso, apresentaremos na próxima seção como os conteúdos culturais são abordados nas aulas de língua estrangeira.

O conteúdo cultural no ensino de línguas estrangeiras

É conhecido em na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas o fato de, muitas vezes, os elementos culturais serem apresentados em momentos distintos dos estudos de gramática e conversação no livro didático, sendo apresentados como “curiosidades”, que se não forem aprofundadas pelo professor, podem levar o aprendiz a construir uma imagem preconceituosa das diferenças culturais, levando a um olhar exótico que pode depreciar a

² “Lengua y cultura se nos presentan como un todo indisoluble, porque a todo hecho de lengua subyace un hecho de cultura y porque todo hecho de lengua se estructura en función de una dimensión social y cultural”. As traduções são nossas, quando outras não forem indicadas.

imagem do que lhe é diferente, além de possibilitar a formulação de generalizações equivocadas, gerando preconceitos e rejeição ao aprendizado daquela língua.

Em artigo, já citado neste trabalho, Almeida Filho (2002) propõe a discussão sobre o lugar do aspecto cultural nas aulas de língua estrangeira. O autor defende que se o objetivo é ensinar para que os alunos tenham melhores possibilidades de adquirir uma capacidade de uso eficiente da língua, então o elemento cultural deveria aparecer como faceta do aspecto gramatical. Segundo o linguísta, é necessário compreender e saber atuar em diferentes contextos culturais. Quando se cumprimenta alguém, por exemplo, ao beijar-lhe o rosto, quem deve tomar a iniciativa? Quantos beijos são permitidos? Pode-se cumprimentar com beijo? Estes, dentre outros questionamentos, precisam ser elencados por fazerem parte dos componentes acerca da cultura social.

Complementando a discussão, encontramos no artigo intitulado “El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lenguas”, dos autores Lourdes Miquel e Neus Sans (1996) uma visão interessante de algo que também ocorre no ensino de E/LE. De acordo com os autores, há a hierarquização do lugar da cultura nas aulas de língua estrangeira. A língua estaria sendo tratada como algo de importância menor, “a prima pobre”, nas palavras dos pesquisadores. O objetivo real e legítimo do ensino de E/LE seria o estudo da cultura. Essa posição tem conseguido muitos adeptos, e levado alguns profissionais a formularem frases como: “Não vamos nos contentar a ensinar a língua”, “Um professor de espanhol não deve conformar-se em ensinar gramática, tem que ensinar cultura” (1992, p.02).

Por meio das compreensões apresentadas fica claro que alguns professores ainda não entendem a língua como parte da cultura, como produto social, compartilhada pelos membros de uma mesma sociedade. Isso dificulta um trabalho intercultural, pois este deve partir da própria experiência do aluno em sua língua enquanto cultura, para só depois conseguir compreender as diferenças existentes também entre os povos e as línguas.

Desse modo, Miquel e Sans (1992) asseveram:

Se, a partir de uma perspectiva comunicativa, queremos que o estudante seja competente, quer dizer, que não tenha somente conhecimentos sobre, mas que estes

conhecimentos lhes sirvam para atuar na sociedade ou com os indivíduos que fazem uso da língua-meta, **a necessidade de abordar a competência cultural como uma parte indissociável da competência comunicativa é inquestionável.** (p.04 - grifo nosso).

A partir dessas ponderações, entendemos, então, que a língua deve fazer sentido aos aprendizes, e o conhecimento cultural não está somente relacionado à linguagem verbal, mas está presente, sobretudo, nos elementos não verbais. Os gestos, as expressões, os turnos de fala e a proximidade física entre o falante e o interlocutor, são exemplos disso.

Feitas essas considerações, passaremos a uma discussão sobre os conceitos de “Interculturalidade”, “Falante intercultural”, “Multiculturalismo” e as implicações desses estudos para o ensino de Espanhol como língua estrangeira. Em seguida, apresentaremos algumas considerações sobre a inclusão do Espanhol nas escolas brasileiras e discutiremos as peculiaridades que essa língua apresenta em relação ao ensino de outra língua estrangeira em nosso país.

Por fim, analisaremos um livro didático dirigido a jovens brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira (volume 1 e volume único), observando especialmente situações comunicativas em que estão envolvidas as expressões de cortesia, procurando demonstrar a importância de uma educação intercultural que forneça não só o conhecimento linguístico, mas também o das diferenças culturais possibilitando uma atuação eficaz nas situações comunicativas do cotidiano.

Educação Intercultural, Falante Intercultural e Multiculturalismo

O contexto de ensino de línguas se modifica a todo momento, e tem como um dos principais responsáveis o fenômeno da globalização, que modificou diferentes segmentos da sociedade, e também a maneira de se aprender e ensinar LE. A velocidade da informação e a interação das pessoas por meio da internet, por exemplo, possibilitam que o aprendiz interaja com falantes nativos da língua-meta em tempo real. O argumento de que para o aprendizado de uma LE é necessário viajar ao país que tem o idioma como oficial se tornou obsoleto nos tempos atuais.

Assim, destacamos o fato de que novos aprendizes requerem novas metodologias de ensino e formas de se abordar o aprendizado de uma segunda língua. As diferenças culturais e a valorização do sujeito são cada vez mais evidentes, dessa forma, uma educação intercultural torna-se cada vez mais necessária. Observamos que, apesar de o fenômeno da globalização homogeneizar os discursos que circulam pelo mundo, no ensino de línguas ocorre algo oposto, de modo que os interesses e as necessidades particulares dos aprendizes são as características predominantes.

Nesse sentido, em texto publicado no ano 2002, Michel Byram retoma alguns conceitos fundamentais de seus estudos, discutindo as mudanças no ensino de línguas estrangeiras a partir dos direcionamentos do Marco Comum Europeu de Referência para o ensino de línguas. Este documento incorporou os conceitos de “consciência intercultural”, “habilidade intercultural” e a aprovação das “dimensões culturais” no ensino de LE. Segundo Byram (2002), a ideia é que o aprendiz interaja com falantes de outras línguas em termos de igualdade e que ele seja consciente de sua própria identidade e da de seus interlocutores.

A expectativa é que os aprendizes se tornem “falantes interculturais”, que venham a ser bem sucedidos no desenvolvimento de relações humanas com representantes de outras culturas. Segundo o autor, quando duas pessoas conversam, um professor e um aluno na sala de aula, por exemplo, elas interagem com representantes de diferentes grupos sociais. Para Byram (2002), isso influencia a maneira como eles dizem e o que eles dizem. Ou seja, quando a comunicação se estabelece, diferentes identidades sociais fazem parte da interação. Segundo o autor, essa comunicação intercultural deve basear-se no respeito pelo individual, e na igualdade de direitos humanos.

O conceito de “falante intercultural” ou “mediador” surge em oposição à ideia de um falante nativo ideal. Essa seria uma “dimensão intercultural” no ensino de línguas, pois o falante poderia ser capaz de se relacionar em diferentes contextos culturais, podendo evitar os estereótipos culturais, que podem ser negativos para a aprendizagem de qualquer língua estrangeira.

De acordo com Fleuri (2001), devido à complexidade das relações sociais e interculturais no mundo contemporâneo, é necessário que o conhecimento seja elaborado no campo da pesquisa e da educação. Há um debate entre dois conceitos: “monoculturalismo” e “multiculturalismo”, o primeiro entende que os povos compartilham uma cultura universal, enquanto que o segundo “multiculturalismo” reconhece que cada povo e cada grupo social desenvolvem identidades e culturas próprias (p.48), possibilitando o reconhecimento e valorização das minorias. Dessa forma, Fleuri conclui:

[...] Assim, em nível das práticas educacionais, a perspectiva intercultural propõe novas estratégias de relação entre sujeitos e entre grupos diferentes. Busca promover a construção de identidades sociais e o reconhecimento das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, procura sustentar a relação crítica e solidária entre elas. (FLEURI, 2001, p.49)

Tendo isso em vista, na próxima sessão apresentaremos algumas considerações sobre os desafios do ensino de Espanhol como Língua estrangeira nas escolas brasileiras, em uma perspectiva intercultural, e quais são os direcionamentos nacionais para o profissional que trabalha com essa língua em nosso país.

O Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira no contexto brasileiro

Para discutirmos as particularidades no ensino de E/LE para estudantes brasileiros, faremos uma breve retrospectiva de fatos que possibilitaram a inclusão desse idioma nas escolas brasileiras.

A história do ensino de Espanhol no Brasil teve como um de seus momentos iniciais o ano de 1942, quando foi promulgada em nosso país a Lei Orgânica do Ensino Secundário (popularmente conhecida como Reforma de Capanema), atingindo todos os estados brasileiros. Nesse momento de nossa história, o ensino de Espanhol passou a integrar o currículo obrigatório nas escolas com a carga horária de duas horas/aula. Essa lei vigorou até o ano de 1961, quando houve a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira).

Tal medida representou uma grande conquista na história do ensino do Espanhol em nosso país, fazendo parte do projeto político-ideológico do então presidente em

exercício, Getúlio Vargas. Muito tempo depois, no ano de 2005, a lei 11.161 foi aprovada e tornou obrigatória a oferta de Espanhol nas escolas brasileiras públicas e privadas de Ensino Médio, sendo, porém, a matrícula entendida como facultativa por parte dos alunos. Além disso, a sanção da lei também tornou facultativa a inclusão da língua espanhola nos currículos da 5ª à 8ª séries (6º ao 9º ano) do ensino fundamental. Desse modo, segundo Rodrigues (2010), ao contrário do que se poderia pensar, a lei 11.161 não foi o ponto inicial da discussão político-linguística envolvendo a língua espanhola no Brasil.

O E/LE no contexto brasileiro possui algumas peculiaridades, e vem geralmente acompanhado de ideias pré-concebidas por parte de alguns alunos e professores em relação à língua espanhola e ao povo falante desse idioma. A inclusão dessa nova língua estrangeira nas escolas brasileiras, além dos eventos históricos já citados, foi possível graças a fatores políticos e econômicos. Camargo (2004) considera que a assinatura do Tratado do MERCOSUL foi o maior responsável pela inclusão do espanhol no contexto escolar brasileiro.

Apesar da proximidade com os países pertencentes a esse bloco econômico, Camargo (2004) afirma que houve no Brasil uma hegemonia do discurso que apregoava o ensino do Espanhol peninsular (falado na Espanha) como sendo o modelo a ser seguido, não dando relevância às diferentes variantes faladas em outros países, como poderíamos esperar, já que estamos geograficamente mais próximos. Esse fato estava bem concretizado tanto nos livros didáticos quanto nas formações oferecidas a professores brasileiros e estrangeiros.

Assim, como o autor, acreditamos que esse é um ponto muito importante a ser discutido, pois uma vez “apagadas” as diferenças entre as variantes de espanhol, institui-se apenas uma variante como correta e socialmente aceita. Tal posicionamento “leva à consolidação de preconceitos e à camuflagem das diferenças locais, assim como um apagamento das manifestações linguísticas e das ricas culturas (a cultura chilena, a peruana, por exemplo)” (CAMARGO, 2004. p.143).

A aceitação do Espanhol peninsular como única variante é por si só contraditória, posto que na própria Espanha há outras línguas consideradas dialetos, que

lutam por sua oficialização — portanto, o castelhano seria só mais uma variedade, não a melhor, nem a pior, pois entendemos que esses julgamentos não devem ser feitos por pessoas que trabalham ou desejam trabalhar com uma perspectiva intercultural.

Além desses fatores “complicadores”, temos que acrescentar a falsa crença, propagada pelo senso comum, de que a relação de proximidade entre a língua espanhola e a língua portuguesa tornaria a aprendizagem do Espanhol uma tarefa fácil para os falantes de português.

Segundo Águeda Alba Méndez (2000), é preciso estudar a cultura espanhola para além dos tópicos, ou seja, das ideias superficiais aceitas sem maior reflexão. A autora afirma que, na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas (EAL), acreditava-se até pouco tempo que o mais importante no aprendizado de uma LE era a gramática. Neste ponto, autores brasileiros, como Almeida Filho, e estrangeiros, como a própria Méndez, discordam veementemente conforme discutimos no tópico anterior. Esses autores afirmam que cultura e língua devem ser trabalhadas de forma complementar e não de maneira isolada, sem relações entre si. É nessa perspectiva que pretendemos, no presente artigo, analisar as diferentes situações comunicativas do livro didático de língua espanhola escolhido. Antes da análise, porém, apresentaremos no próximo tópico algumas peculiaridades do ensino dessa língua estrangeira a estudantes brasileiros.

As dificuldades de estudantes brasileiros com o imperativo em espanhol

Em um trabalho intitulado “Pídeme lo que quieras, pero... dime ¡Por favor! Las dificultades pragmáticas de los aprendices brasileños al usar el imperativo en español”, Cristina Aparecida Duarte e Simone Nascimento Campos (1999) apresentam reflexões muito importantes sobre as dificuldades dos estudantes brasileiros em utilizar as formas do modo imperativo em espanhol. Essas dificuldades, segundo elas, têm origem em diferenças culturais entre os dois países, apesar da semelhança na forma, o uso desse modo verbal é diverso nos dois idiomas.

Assim, como temos demonstrado neste tópico, as autoras chamam a atenção para o fato de a língua portuguesa ser semelhante à língua espanhola, mas fazem uma

consideração importante: a comparação entre as duas línguas é importante no processo de aprendizagem da língua meta, mas pode levar a problemas de comunicação, uma vez que a correspondência entre as duas não é idêntica.

Desse modo, o uso do imperativo constitui uma dificuldade para o estudante brasileiro na hora de expressar-se em língua estrangeira, um dos motivos é que na nossa cultura o uso do imperativo está muitas vezes relacionado à descortesia. Segundo Duarte e Campos (1999), o estudante brasileiro tende a interpretar as formas do imperativo em espanhol como em sua própria língua, o que o leva a evitá-las. Na língua portuguesa, preferimos sugerir ou pedir a mandar ou ordenar, isso explica, segundo elas, as formas de atenuação quando utilizamos o modo imperativo em espanhol.

As principais formas utilizadas por nós são (DUARTE e CAMPOS, 1999, p. 76):

- Perífrase com verbo *ir* a + verbo principal: *Ahora vais a leer el texto. (Leed el texto).*
- Verbo querer como auxiliar: *Quiera pasar a mi despacho. (Pase).*
- Condicional simples: *¿Podría traerme una botella de agua? (Tráigame).*
- Frases interrogativas: *¿Me firmas aquí? (Firma aquí).*
- Frases nominais: *¡Silencio! (¡Callaos!).*

Para as pesquisadoras, se o objetivo da aprendizagem é aprender a comunicar-se plenamente, não se pode ignorar a importância de contextualizar as formas imperativas em vez de evitá-las. Vemos claramente que as formas linguísticas escolhidas relacionam-se com uma questão cultural, de cortesia, pois na cultura brasileira notamos que é ruim dar ordens a alguém, é preferível que se peça “por favor”.

Uma tentativa de abordagem intercultural, para este caso, é a escolha de materiais didáticos que permitam aos alunos reconhecer o uso do imperativo em contextos diferentes, para perceberem a diferença de entonação, por exemplo. Seria produtivo também que o aprendiz fosse estimulado a elaborar enunciados imperativos em situações comunicativas.

Esse conteúdo pode ser trabalhado, segundo elas, desde os níveis iniciais de aprendizagem, pois assim o estudante brasileiro se acostumaria ao uso do imperativo pelos falantes de espanhol. Nós concordamos com essa afirmação, uma vez que, o trabalho com as dimensões culturais da língua pode ser introduzido a qualquer momento — mesmo posterior ao estágio inicial —, desde que o professor esteja preparado para abordar as diferenças culturais que se explicitam através da forma linguística. Dessa maneira, buscamos trazer a análise de um livro didático em Espanhol para refletirmos sobre como a relação entre língua e cultura se concretiza nas situações comunicativas.

Análise de livro didático de Espanhol: alguns elementos culturais presentes na comunicação cotidiana

Nesta sessão abordaremos alguns aspectos presentes na comunicação verbal e não verbal que revelam elementos interculturais. Conforme temos argumentado, a partir de elementos linguísticos, podemos encontrar diferentes aspectos culturais, pois ambos estão relacionados e se manifestam entre si.

O material escolhido para a nossa análise é composto pelo livro didático *Enlaces: Español para jóvenes brasileños* (2007 e 2010). Optamos por esse livro porque ele foi adotado pela rede pública do Estado de São Paulo e é direcionado aos aprendizes brasileiros de língua espanhola.

No texto de apresentação, retirado do livro do aluno, encontramos a seguinte afirmação:

Enlaces: espanhol para jovens brasileiros é um enfoque centrado no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias, no campo da linguagem, para a formação de um cidadão crítico e autônomo que conhece, respeita e convive com os diferentes valores culturais e sociais. A proposta se enquadra nos princípios que inspiram os denominados “Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCN) para o ensino brasileiro. (p.03)

Percebemos pela apresentação que os autores do livro, por meio deste texto, demonstram a intenção de abordar conteúdos prezados pela educação intercultural, tais como o respeito à diversidade e a compreensão de diferentes culturas e variedades

linguísticas. Para que isso fosse possível, o livro foi organizado em diferentes sessões intituladas: “*Hablemos de, ¡Y no solo esto!, Manos a la obra, En otras palabras, Como te decía, Más cosas*”. Observamos que de todas essas, a que mais se aproximou da proposta de abordar conteúdos culturais foi a sessão intitulada *Más cosas*, que propõe o desenvolvimento de atividades lúdicas e interculturais do tema estudado na unidade.

Atividades sobre os usos do imperativo e outras situações comunicativas

O objetivo da sessão *En otras palabras* é apresentar uma análise de um gênero discursivo específico que servirá como modelo para uma proposta de redação, objetivando que o aluno desenvolva um processo de escrita autônomo e reflexivo. Em relação aos usos do espanhol, que discutimos acima, entendemos que a escolha desse gênero não englobou uma discussão cultural em um contexto comunicativo, pois a (**figura 1**) do anexo (pertence ao mesmo livro adotado, mas é sua versão em volume único) apresenta um texto sobre alimentação saudável com conselhos ao leitor.

Na língua portuguesa também usamos o imperativo para dar conselhos e dicas, portanto, a atividade não favoreceu uma situação na qual o estudante se deparasse com um uso distinto do da sua língua e que o levasse a refletir sobre a sua própria cultura, a partir de elementos linguísticos, ou sobre a cultura dos falantes de língua espanhola. Poderia haver, em vez do texto, diálogos nos quais o imperativo aparecesse em contextos significativos para o aprendiz.

Além do uso do imperativo, escolhemos a sessão *Hablemos de* da unidade 02 para discutir alguns pontos que consideramos importantes, pois demonstram a inclusão de dimensões culturais no ensino de línguas. A unidade tem como objetivo ensinar o estudante a apresentar-se formal e informalmente, pedir e dar informações pessoais e elaborar uma entrevista de trabalho.

Assim, separamos duas atividades que nos pareceram interessantes, uma diz respeito às formas de tratamento e a outra se refere aos diferentes tipos de cumprimento existentes em culturas diferentes. Para iniciar a unidade e ativar o conhecimento prévio

dos alunos, o livro aborda as diferentes formas de tratamento utilizadas no Brasil, ao trazer expressões regionais como “guri”, expressões formais “senhor/senhora”, e ao questionar os estudantes sobre o uso dessas expressões: “em quais contextos usamos essas formas de tratamento? Com quem usamos? Como as outras pessoas tratam você.”

(Figura 2)

A maneira como essa atividade foi preparada para introduzir as formas de tratamento em espanhol nos pareceu muito acertada, e partiu de concepções dos estudos interculturais, uma vez que, possibilitou que o aluno olhasse para a sua própria cultura, para posteriormente pensar na língua estrangeira que está aprendendo. Dessa maneira, ao estudar os diferentes usos dos pronomes em Espanhol, o estudante verá que eles assemelham-se ao de seu código linguístico, e que dependendo do contexto podemos eleger um ou outro.

Agora, já contextualizadas, as expressões formais e informais podem ser abordadas de maneira que o estudante as reconheça em diferentes situações comunicativas. Assim, a atividade **(Figura 3)**, de certo modo, mostra quais são os comportamentos aceitos, e que o uso de expressões coloquiais, em momentos formais, não é aceitável.

A última figura é uma atividade que apresenta as diferentes maneiras de cumprimentar e despedir-se em diferentes culturas como expressões de cortesia. Acreditamos que a escolha das imagens e a atividade foram bem sucedidas, possibilitando um diálogo intercultural na aula de E/LE. Ao sugerir que o estudante observe os diferentes modos de cumprimentar ou despedir-se de alguém, e que assinale as que se assemelham à sua cultura, a atividade proposta na **figura 4** permite que o aprendiz se depare com o diferente, não como algo exótico ou estranho, mas como uma maneira possível de integração social.

Desse modo, retomamos o que foi afirmado por Almeida Filho (2002) e outros pesquisadores da área de língua espanhola: o aprendiz deve ser capaz de comunicar-se não apenas verbalmente, mas consciente dos padrões culturais existentes, que seja competente culturalmente para atuar em contextos e situações diferentes. Assim, a aula de língua estrangeira deve proporcionar ao aprendiz conhecimento linguístico e também

conhecimento cultural dos padrões de comportamento socialmente aceitos e esperados pelos representantes de dada cultura.

Considerações finais

Tentamos, por meio deste breve trabalho, que discorre sobre um tema riquíssimo, o ensino das dimensões culturais nas aulas de língua estrangeira, mostrar a importância de se abordar tanto os aspectos linguísticos quanto os culturais, não de maneira isolada, mas sim integrada em contextos significativos, como nas situações comunicativas do cotidiano, por exemplo.

Com esse intento, escolhemos os elementos de cortesia, considerados por nós como aqueles presentes no cotidiano, tanto na linguagem verbal, como o uso do imperativo, do “por favor”, quanto na linguagem não verbal, como é o caso dos cumprimentos, representados por inclinações, aperto de mão, ou outra maneira, conforme a cultura na qual estão inseridos.

Temos a certeza que esse é um assunto quase inesgotável, visto que o desenvolvimento da competência cultural e do falante intercultural representam desafios a serem vencidos por todos aqueles que desejam uma educação que estimule tanto o respeito quanto a tolerância entre os povos, a fim de que esta forma de educação predomine nas salas de aula de nosso país.

Apesar de serem estudos relativamente recentes, constatamos por meio da análise e da reflexão sobre a inclusão da língua espanhola no Brasil, que esforços têm sido feitos e que a preocupação com a diversidade cultural e linguística já está presente nos documentos oficiais e nos livros didáticos no Brasil, nesse sentido, julgamos estar na direção certa, ou seja, no caminho de formar cidadãos críticos e solidários, além de conscientes da sua identidade e da sua capacidade de identificarem-se diante do outro.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J.C.P de. ¿Lengua después de cultura o después de cultura, lengua? Aspectos de la enseñanza de la interculturalidad. Tradução do artigo presente In: Cunha,

Maria Jandyra Cavalcanti; Santos, Percília. **Tópicos em Português Língua Estrangeira**. Brasília, Editora UNB, 2002, P.209-215.

BYRAM, M, GRIBKOVA, B, STARKEY, H. **Developing the intercultural dimension in language teaching. A practical introduction for teachers**. Modern Languages, Council of Europe, Strasbourg, 2002.

CAMARGO, M. L. **O ensino do espanhol no Brasil: um pouco da sua história**. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 43 (1), Campinas, IEL/Unicamp, 2004, p.139-149.

DUARTE, C.A y CAMPOS, S.N. Pídeme lo que quieras, pero... dime ¡Por favor! Las dificultades de los aprendices brasileños en el uso del imperativo en español. In: **Nuevas perspectivas en la enseñanza del español como lengua extranjera**. Actas del X Congreso Internacional de ASELE. Vol. I, Cádiz, Servicio de publicaciones de la Universidad - Asele, 1999. p. 73-78.

FLEURI, R.M. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade e Cultura**, nº16, 2001, p.45-62.

GUILLÉN DÍAS, C. Los contenidos culturales. In: LOBATO, S. J; GARGALLO, I. S. (Org.). **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2º ed. 2008, p.835-851.

LÓPEZ, L. M. La subcompetencia sociocultural. In: LOBATO, S. J; GARGALLO, I. S. (Org.). **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2ºed, 2008. p. 511 –532.

MÉNDEZ, Á. A. La cultura española más allá de los tópicos. In ¿ Qué español enseñar?: norma y variación lingüísticas en la enseñanza del español a extranjeros: actas del XI Congreso Internacional ASELE, Zaragoza, 2000, p. 137-144. Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.

MIQUEL,L e SANS,N. **El componente cultural: un ingrediente más de las clases de lengua**. Cable 9, Difusión, Madrid, 1992.

OSMAN, S; ELIAS, N; IZQUIERDO,S; REIS,P. **Enlaces: Español para jóvenes brasileños. Libro del profesor**. 1ª ed. Volumen único. Sociedad General Española de Librería (SGEL), Madrid, 2007.

OSMAN, S; ELIAS, N; IZQUIERDO,S; REIS,P; VALVERDE, J. **Enlaces: Español para jóvenes brasileños**. 2ª ed. Volume 1, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, F. S. **Leis e línguas: o lugar do espanhol na escola brasileira**. In: **Coleção Explorando o Ensino, Brasília**: Ministério da Educação, 2010, p.13-25.